

## TEMPORAL

Arabi Rodrigues

Fazia tempo que o tempo  
Vinha se Armanda p'ra chuva.  
A tarde vestiu-se viúva,  
Prenunciando o temporal.  
Ao longe no carrascal,  
Entre o silêncio das aves,  
OuvIU-se o tronas das chaves  
Do capataz celestial.

O dia morreu mais cedo  
Lá p'ras bandas do poente.  
E um cheiro de terra quente  
Campeava no pampa arisco.  
Que coisa veia, chô-misco!  
Quando negreia o varzedo,  
"Entre a maré e o rochedo,  
Quem sai mal é o marisco".

À sombra da noite grande,  
Uma coruja agourenta  
Vejo gritar pacholenta  
Sobre o moeirão do arame.  
Junto ao braseiro, um enchame,  
De cinza redemunhava,  
Quando o vento atropelava  
Por baixo do baldrame.

Além do campo, as estrelas,  
Lampejos e fogonaços  
Urrava, dando trompassos,  
Assustando a cachorrada.  
No galpão, a gurizada,  
Num silêncio arregalado,  
Mantinha o medo calado  
Co'as pernas bem apertadas!]

Lá fora o campo rondava  
Os vassalos da harmonia,  
Da meia noite pro dia  
Até a lua nasceu.  
Quando o dia amanheceu,  
Vinha do mato um gemido  
Do velho tronco caído  
Que o raio guacho abateu.

A sanga de güela aberta

Se roçava nas barrancas,  
Vestidas de nuvens brancas,  
Arrancadas da cachoeira.  
Nos galhos da pitangueira  
Mais tarde foram achados  
Restos de sonhos rasgados  
Co'a reza da lavadeira!

Dava pena a gente ver  
As vinte e três invernadas,  
Co1as cercas desmanteladas.  
Toda a peonada com sono.  
Rondando a casa sem dono,  
Chorando barbaridade  
A grande infelicidade  
Daquela tarde de outono!